



2014  
Paul  
9AF

## **A BALADA GLS: DESCONSTRUINDO O LAZER DOS HOMOSSEXUAIS.**

*SHELTON YGOR JOAQUIM DE CICCIO*<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo do texto é explorar aspectos adjacentes à questão da identidade (objeto da pesquisa) que se ligam a questões de trabalho e lazer, distanciando-se do foco da pesquisa. Como a bibliografia estudada deixou de jogar luz sobre este ponto, decidimos iniciar um debate, partindo dos dados coletados por observação participante e entrevistas. Acreditamos que a perspectiva do trabalho, entendido como não lazer para os fins deste artigo, amplia o entendimento das rearticulações das categorias sociológicas mobilizadas pelos agentes, desvelando inclusive aspectos não evocados na cena pública de lazer, mas que, como esperamos demonstrar, influenciam as interações desse contexto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lazer. Trabalho. Identidade. Sexualidade.

### **INTRODUÇÃO**

Certa feita, li em um texto de SIMÕES e FRANÇA (2005) a descrição de atividades de lazer de homossexuais, analisadas da perspectiva do gueto como forma de resistência e lugar de autoaceitação e reconhecimento. O capítulo relaciona uma série de jargões com o lazer de um estilo de vida homossexual. Neste capítulo ainda, os autores exploram a atribuição de papéis sociais aos homossexuais, no caso um “gueto homossexual” que, segundo eles, viabiliza a convivência e atenua momentaneamente os estigmas, podendo-se ali encontrar parceiros e vivenciar a sexualidade (com amigos ou amantes), reduzir o sentimento de culpa, reforçar a autoaceitação, etc. “O que chamamos de ‘gueto’ é algo que só pode ser delimitado ao acompanharmos os deslocamentos dos sujeitos por lugares em que se exercem atividades relacionadas à orientação e a prática homossexual” (p. 310).

A questão do gueto é a construção de um grupo que é ator político. Outra questão é a importância do mercado na promoção e difusão de imagens, estilos e hábitos associados à política de identidade. Funciona como uma combinação de mecanismos de diferenciação e tendências favoráveis à integração social de homossexuais. Em outro lugar, SIMÕES (2004) explora outros matizes do gueto, como a idade e os ideais de corporalidade, desejo e afeto que entram em conflito por variarem segundo a faixa etária. Tais questões podem ser lidas como aspectos da construção de ambientes de lazer, do desejo materializado em mercadorias, como

<sup>1</sup> Graduado e Licenciado em Ciências Sociais pela FFC Unesp Marília. E-mail: sheltondecicco@gmail.com.

um estilo de vida pautado no sexo. Conforme apontam SIMÕES e FRANÇA (*op. cit.*), o desenvolvimento mercadológico em torno do gueto viabiliza outras relações entre o grupo de homossexuais e heterossexuais. Minha pesquisa aponta o mesmo processo em Marília, SP, ainda em andamento e não tão complexo e desenvolvido quanto em São Paulo.

Há um problema, porém: o de uma leitura tendenciosa sobre essas atividades e o gueto. As pessoas “de fora” do grupo acham, segundo o seu senso comum, que o estilo de vida de homossexuais é essencialmente leviano e promíscuo, e que os agentes preenchem seu tempo diário com prazeres proporcionados pelos corpos de outras pessoas ou complementos ilícitos, quando não de ócio. Decerto Simões e França conhecem esse ponto de vista preconceituoso e evidentemente não foi a intenção dos autores suscitar em nenhum momento essa leitura a respeito de homossexuais. Todavia, é uma perspectiva recorrente às pessoas comuns, e algumas vezes até mesmo os homossexuais encaram as atividades do gueto desse jeito e isso tem implicações. Quiçá a apropriação defasada do gueto LGBT pelo mercado em Marília seja um fundamento para a desqualificação atribuída ao gueto.

Pretendo abordar neste artigo algumas das formulações mais comuns que equiparam o lazer de homossexuais à promiscuidade presunçosamente atribuída a essas pessoas, demonstrando como esse viés estrutura as relações sociais e as fronteiras entre heterossexualidade e homossexualidade. Seguindo o mesmo movimento de Simões e França, meu objetivo é explicitar a importância da construção coletiva de identidades homossexuais e mostrar que há várias coisas envolvidas com o lazer e o trabalho de qualquer pessoa. O caso concreto utilizado no estudo será uma balada que tem como público-alvo as pessoas LGBT de Marília, SP, onde tenho pesquisado. Os dados apresentados e em especial as citações de falas são de meu caderno de campo ou de depoimentos que coletei, com os devidos cuidados e esclarecimentos éticos e científicos, de agentes do meio em que fiz observação participante.

No fundo, o enfoque sobre o tempo e o espaço de lazer desenvolvido aqui acabou caindo em segundo plano frente à pesquisa e minha monografia para conclusão de curso. Sem embargo, a reflexão é correlata aos objetivos da pesquisa, parecendo ser pertinente a presente empresa.

SIMÕES, FRANÇA e MACEDO (2010) estudam momentos de lazer dos jovens no centro de São Paulo e exploram diversas categorias sociológicas que se entrecruzam no acontecer social. É interessante notar como o contexto valoriza ou desvaloriza a mesma categoria ou ainda como uma mesma categoria pode ter valor em situações diversas, sendo devidamente mediada e articulada com outras. Exemplo: cor/raça que para as pessoas no baile *funk* denota sensualidade e proximidade em termos de classe social também denota

sensualidade no âmbito homossexual. Para nós, é importante reter a diversidade de categorias sociológicas sendo mobilizadas pelos agentes em um mesmo pedaço que carrega uma alcunha genérica, no nosso caso sendo a (homo)sexualidade preponderante na taxação de um espaço e seus agentes.

Em nossa pesquisa, tomamos a construção da identidade do grupo homossexual como objeto, e a análise do lazer em locais públicos é uma perspectiva possível para o estudo. Mas na medida em que adentramos o lazer, afastamo-nos da identidade, e o diálogo com os autores mencionados acima trouxe essas questões. Parece que eles aventam de modo menos denso a questão do trabalho – que é o período de não lazer – a que todos os agentes estão submetidos. De mais a mais, não falar do trabalho pode causar a impressão de ócio e, nesse sentido, as ações que afirmam a identidade homossexual (o próprio local de lazer e as atividades realizadas ali) podem arrefecer em subverter os aspectos depreciativos atribuídos à identidade sexualizada. Assim, lazer e trabalho não deveriam ser tomados conjuntamente na reflexão sobre subversão da identidade. Esperamos contribuir nesse sentido.

### **A noção de lazer**

De certa forma, é comum as pessoas terem receio perante aquilo que lhes é estranho. Por isso mesmo, um heterossexual fala com temor sobre os âmbitos frequentados por homossexuais. Mal sabe tal agente que os homossexuais fazem as mesmas coisas que ele para se recrear. Isto é, o desconhecimento do que o “outro” vive e sua vivência de um ideário heteronormativo levam-no a pensar que o “outro” faz coisas totalmente diferentes. Veremos a seguir como o trabalho na sociedade capitalista organiza e padroniza formas de lazer.

Quando se pergunta a um agente qualquer (heterossexual ou homossexual) sobre seu lazer, esta pessoa pode elencar bares, boates, passeios, centros de compras, etc. Tal lazer deve ser compreendido no intervalo dos dias da semana de trabalho e os de não trabalho, a maioria das vezes no final de semana, sexta-feira, sábado e domingo. Essa situação dos dias próprios ao lazer explica as opções de lazer: na sexta-feira trabalha-se durante o dia, mas a noite está livre e, muitas vezes, o sábado inteiro é reservado ao descanso. Como não terá que levantar cedo e trabalhar de novo no sábado, atividades podem ser estendidas noite adentro na sexta-feira. Caso trabalhe no sábado, esse esquema de adentrar a noite tendo o dia seguinte livre, o domingo, se repete. O domingo é de modo geral sem opções de lazer – quase todos descansam e não trabalham neste dia – e sabe-se que o dia seguinte será de retomada das atividades de trabalho, como se a impiedosa e temida segunda-feira viesse às pressas, como se

as pessoas não tivessem conseguido descansar do trabalho.<sup>2</sup>

Esta disposição de atividades de trabalho e atividades de lazer em horários invertidos explica as opções de lazer. Eu citei bares, baladas ou boates (parece não haver distinção semântica entre esses dois últimos termos) que são os atrativos oferecidos e mais comumente citados na cidade em que pesquisei. São atividades noturnas e características do fim de semana (incluindo ou não a sexta-feira). Cinema, encontros em praças, passeios e visita a centros de compras são opções que têm restrição de horário, exceto, talvez, passeios e encontros em praças, que são locais públicos. Raras vezes há eventos de grande porte na cidade, mostras musicais, feiras, parques de diversões, circos, quermesses, exposições agropecuárias e afins. Nesses casos, a cidade se mobiliza para comparecer aos eventos; por exemplo, a empresa de ônibus circular local dispõe de linhas temporárias especiais cujo itinerário atende exclusivamente aos locais de evento, inclusive ultrapassando o horário de funcionamento ordinário, que termina à meia-noite – aqui já se pode ver como o lazer de uns está ligado ao trabalho de outrem.

Todos os eventos acontecem invariavelmente no final de semana e à noite. Até as festas juninas de escolas, bingos, peças de teatro e musicais preferem esse período. Podemos entender essa preferência de período se lembrarmos que em atividades eventuais, principalmente aquelas empreendidas por moradores da própria cidade, só poderão ser desenvolvidas em horários de não trabalho. Sendo assim, o “fim de semana”, como a própria “semana”, é uma periodização do tempo construída socialmente. Em nossos dias, a semana é matizada por períodos de trabalho em oposição aos de não trabalho e lazer, repouso ou ócio. Claro que há toda a história dessa periodização no Ocidente, relacionando ritos e mitos das religiões diversas a dias específicos de começo e fim (recomeço), e igualmente estudos importantes sobre o tempo e sua representação social feitos por numerosos antropólogos, o que não cabe abordar aqui.

Mas quem trabalha? Trabalha aquele que foi expropriado dos meios de produção da sua própria subsistência e precisa vender sua força de trabalho para comprar mercadorias que supram suas necessidades e carências, diria MARX (2008; 2009). Essa categorização é genérica. Devo inserir um recorte para poder analisar um aspecto interno à classe trabalhadora. Há homens e mulheres “heterossexuais” e “homossexuais” na classe trabalhadora. Portanto, heterossexuais, gays e lésbicas trabalham de segunda a sexta-feira e

2 Recentemente vi na rede *Facebook* um quadro de caráter cômico que relacionava os dias da semana com as postagens de cansaço ou animação. A sexta-feira já era saudada na quinta-feira, e as pessoas dizem coisas como “força, amanhã é sexta-feira”. Na segunda-feira todos dizem estar mortos de cansaço, e na terça-feira já se pergunta pela sexta-feira. A quarta-feira é monopolizada pelo futebol. No domingo, há queixas de que a segunda-feira chegou muito rápido. Há também numerosas caretas que vão expressando sorrisos mais intensos conforme o fim de semana se aproxima.

utilizam o fim de semana para lazer. Nota-se ainda que as opções de lazer de uns e outros estão circunscritas à mesmíssima periodização e oposição entre trabalho e lazer; são equiparados quanto à classe social e às condições de lazer e distinguem-se quanto à sexualidade e ao gênero.

Parece claro agora que a questão do trabalho e da condição de classe pode ser obscurecida pela diferenciação das sexualidades. A necessidade “trabalho” é recoberta pela diferença “sexual”; o “lazer”, que é necessidade tanto quanto o “trabalho”, é sexualizado. Isto é, as pessoas precisam trabalhar tanto quanto precisam de recreação; porém, se as pessoas são identificadas como ou “heterossexuais” ou “homossexuais” antes de “trabalhadoras”, a questão das necessidades humanas fica em segundo plano. As pessoas não veem as outras como “trabalhadores se recreando”, mas como “gays se recreando”. Daí vem que o lazer é sexualizado, ou melhor, a sexualidade é associada ao lazer. Esse raciocínio pode ser exemplificado por falas de heterossexuais e homossexuais: “balada é coisa de gay, eles vão lá para se pegar” (homem, heterossexual, 22 anos); “não vou à balada porque só dá bicha poque-poque” (homem, homossexual, 20 anos).

A primeira fala é de um heterossexual masculino que nunca foi a uma “balada GLS” e associa claramente o lazer de homossexuais (notadamente do sexo masculino) ao sexo sem compromisso. A segunda é de um homossexual masculino que não vai à balada porque acha que os gays que lá estiverem serão efeminados e frívolos (bichas), que só querem sexo sem compromisso e são promíscuos (poque-poque). Essa terminologia é êmica, no sentido de compor um vernáculo utilizado (exclusivamente) por homossexuais; “poque-poque” indica o gay que tem relações sexuais aqui, ali, acolá, com um, com outro, pingando de lugar em lugar, e o termo parece a mim onomatopéico; há ainda variações sonoras e de escritura. Quanto à repreensão do segundo agente sobre o sexo livre de pares, isso se deve ao fato de ele querer um relacionamento estável, que é a orientação que seus valores culturais lhe dão, isto é, não ser gay ou pelo menos não ser promíscuo e, por extensão, assumido e efeminado. E quanto ao primeiro, a associação que ele fez entre lazer e promiscuidade não cabe, porque o lazer dos homossexuais não é exceção à regra, isto é, não escapa ao que a cidade oferece. Também não lhe cabe achar que homossexuais procuram apenas sexo, posto que há aqueles que preferem relacionamentos tradicionais, como vimos na fala acima. Ele mesmo, o rapaz heterossexual, procura e frequenta boates pretensamente “heterossexuais” procurando por uma oportunidade de sexo sem compromisso, quando não vai a prostíbulos. Esse comportamento convém à moral sexual masculina e viril de nossa cultura (BOURDIEU, 2002; MEAD, 1969; PARKER, 1991) e reduz o desempenho dos agentes a um sinal diacrítico: o sexo (BUTLER, 2003; PRECIADO, 2002).

Analisando então o lugar do lazer na sociedade brasileira, encontramos uma oposição binária e uma periodização dos dias da semana a partir do trabalho. Compreendendo como a ética sexual recorta e abstrai a questão do trabalho na identificação de agentes, vimos a ligação entre atividades de recreação e sexo (sexualidade e promiscuidade) sobrepondo-se ao trabalho e classificando lugares e atividades em “heterossexuais” ou “homossexuais”. Como ocorre esse processo de “guetização”? Por que ele é operacionalizado pelos agentes? Não construímos uma análise funcionalista tomando a parte pelo todo, a balada pela sociedade, nem tomando a balada como fato social total.<sup>3</sup> Minha hipótese é a de que, de acordo com SIMÕES e FRANÇA (*op. cit.*), o gueto serve sim como elemento de socialização e arrefece sentimentos de culpa, cooperando com a autoaceitação e o reconhecimento de uma identidade. Como este fenômeno não se dá dentro de casa, mas na rua, pode ser atrelado ao processo do movimento de libertação e visibilidade homossexual, e isto é uma afronta ao primado da masculinidade (exclusivamente heterossexual). Por isso, há essa tendência conservadora que tenta disfarçar e reprimir a diversidade cultural, escondendo-a dentro de casa, no armário, se possível. É mister compreender as relações entre os guetos e as representações sociais com o objetivo de agir frente ao preconceito e desconstruí-lo.

### **A balada GLS: submergindo**

Para prosseguir, precisamos conhecer a fundo os locais e as práticas que se intitulam “balada GLS”. Traremos a seguir algumas cenas da balada em Marília e alguma comparação, quando oportuna, com demais localidades. O objetivo é contextualizar as questões que propusemos. Veremos primeiro as infraestruturas utilizadas e em seguida os agentes que trabalham nela.

No caso de Marília, não há um centro específico que reúna opções de lazer (como ocorre na Rua Augusta, na capital paulista). Há bares e boates espalhados pela cidade toda, com alguns pequenos aglomerados – um rizoma por excelência. Assim, os atrativos comerciais noturnos podem ser encontrados tanto em grandes avenidas como em ruelas remotas – caso da única balada direcionada especificamente ao público LGBT.

### ***Balada gay***

Funciona de sábado à noite para domingo. Vez por outra funcionava como bar na sexta-feira à noite, tendo cessado essa atividade recentemente. A programação da balada tem uma moldura padrão que se altera extraordinariamente em feriados prolongados, abrindo nas

3 Certamente o “fim de semana” enquanto construto social é um fato social total, pois mobiliza todos os agentes e todas as instituições, mas não é este o foco do texto.

vésperas e dias seguintes, por exemplo. Abre às 23h59 de sábado. Mas a balada não se reduz ao evento. Há preparativos da parte dos agentes antes, durante e após a balada.

### *Antes da balada*

Em geral as pessoas banham-se, produzem-se, às vezes levam a noite toda para se maquiar (homens e mulheres) e saem à tarde para comprar uma peça de roupa nova para utilizar na balada. Isso individualmente. Acompanhadas, as pessoas fazem o que acabamos de referir, só que se ajudam umas às outras a se produzir. Pode ser também que façam um jantar ou tomem um lanche na rua (mais comum entre namorados/as) ou façam um “esquenta” – reunir-se em uma casa ou bar e começar a beber. Essa prática justifica-se devido ao altíssimo preço das doses de bebida dentro da balada, às vezes equivalentes à metade do preço de uma garrafa da mesma bebida.

### *Dentro da balada*

Começa na porta. Às vezes forma-se grande fila na porta. Há promoções do tipo “pessoas com RG de *tal cidade* não pagam o ingresso até 00h30”. Na entrada, a *drag hostess* (anfitriã) recepciona, cumprimenta, brinca e tira sarro das pessoas que se aproximam.

“Nossa! Você saiu do inferno hoje? Onde você arrumou essa blusa<sup>4</sup> horrorosa?”

“Em que loja você deu a elza [gíria: roubar] nesse apatá [sapato]?”

“De onde você veio [diz ela a um visitante que lhe é desconhecido]? De São Paulo [responde ele]. Segurança! Segurança! Socorro, isso rouba!” [paráfrase de uma *drag queen* caricata famosa]

Essas frases são bons exemplos da recepção animadíssima à porta da balada. Ninguém se ofende, ou pelo menos ninguém consterna ofender-se com a jocosidade da anfitriã. Mais tarde, pelas 2h, ela fará uma apresentação breve para a “abertura” da balada. Ela subirá no palco com os *gogo boys* e dançará uma música que em algum sentido exprime o tema da balada, sendo precedida por uma gravação curta de uma voz masculina narrando:

A partir de agora, sua noite terá um toque a mais de prazer; nessa noite suas sensações ficarão à flor da pele; seus sonhos e desejos se tornarão realidade. Solte-se! Entregue-se! Sinta-se! Você está na *Lola lounge*.<sup>5</sup>

É a abertura da balada que convida as pessoas ao lazer, à descontração, à diversão. Na verdade, desde antes de as portas se abrirem, a música já toca. A *drag* então aditaria os ânimos. Também se diz, por exemplo, que ela é a referência da mostra, ou *show*, ou da diversão/liber(t)ação. De fato, o *gogo boy* e a *gogo girl* são objetos secundários das exposições.

Assim, as pessoas adentram, conversam, encontram-se, bebem, dançam, fumam, etc.

4 A linguagem êmica é muito peculiar. Em nossa monografia, em andamento atualmente, estudá-la-emos em detalhe.

5 Texto audível em qualquer vídeo disponibilizado no perfil do *Facebook* e no *YouTube* pela casa noturna.

Quando a balada funciona como bar, acontece tudo *pari passu*; à exceção de que não há apresentação de *drag* nem *gogo boy/girl* e nem *DJ*, a pista não fica aberta e o ingresso é franco.

Sabe-se que a noite é longa e há várias atividades e personagens. Há quem frequente o *dark room* para procurar um(a) parceiro(a) para um intercuro sexual casual e anônimo (este espaço foi encerrado há pouco tempo), ou apenas para “olhar”, ver o que se passa e rir. O rir perpassa quase todas as atividades. Mais tarde, às 4h aproximadamente, ocorre outra apresentação, de outra(s) *drag(s)*, ou qualquer entretenimento (não necessariamente erótico). A partir daí, o fluxo da balada muda: as pessoas já estão mais alcoolizadas, cansadas ou desesperadas em busca de algum intercuro mais íntimo.

### ***Pós-balada***

A balada não se resume, pois, à dança dentro do recinto; envolve uma série de atos, quase um ritual, antes e depois do principal. Depois de dançar e beber até clarear o dia e a música parar, o programa continua. As pessoas então vão para alguma lanchonete que porventura esteja aberta, feira, motel, hotel (quando se vem de outra cidade), casa de amigos. Por vezes, a festa ou a bebedeira prossegue, e há até quem saia da balada e vá para a igreja.

Nos dias seguintes, as fotos e filmagens do fim de semana são divulgados pelos curadores da boate e pelos frequentadores. Mostra-se, assim, os equipamentos utilizados. Os gays de outra cidade vêm de carro (mais raramente de moto), e geralmente são grupos de amigos que dividem os gastos com a viagem. Se vierem de ônibus, permanecerão na cidade, em hotel ou casa de amigo ou ficante, ou na rua mesmo até o ônibus passar. Já aqueles que moram em Marília, mas em bairros afastados (lembrando: a própria boate é descentralizada), ficam em chusmas<sup>6</sup> nos pontos de ônibus circular e lotam o veículo nas primeiras voltas. É comum ouvir e ver michês, travestis, assaltantes (“trombadinhas”) vagueando pelas ruas derredor da balada. Também sucedem tráficos de ilícitos e (muito raramente) furtos dentro da balada.

### **Trabalho e lazer, prazer e o estigma da homossexualidade**

A questão “quem trabalha?” feita acima é crucial neste artigo, pois a definição social de quem trabalha e de quem não trabalha autoriza os trabalhadores a ter “lazer” e acusa os que não trabalham de promiscuidade, ócio, leviandade, vida fácil, parasitismo, etc. Espero que da análise anterior sobre a noção de lazer tenha ficado evidente que homossexuais são classificados como “gente que não trabalha e apenas diverte-se”, e o gueto sendo visto como

local utilizado para promiscuidade, talvez pela não utilização do gueto pelo mercado. Revisemos esses pontos.

Homossexuais são vistos como “baladeiros”, “vivem na boate”. Por que heterossexuais classificam-nos assim? Primeiramente, cabe ressaltar que o homossexual é visto como menos homem (menos humano?) pelos homens heterossexuais. A ideia de que o macho domina impõe que ele só pode dominar se cumprir com as exigências viris. Na perspectiva de Bourdieu (2002), a corrupção do primado da masculinidade engendra esse tipo de asco por quem foge à regra, como quando o sagrado sai de seu lugar e deixa de ser puro, e tornando-se sujo, representa um perigo (DOUGLAS, 2010). É por isso que a mulher, conforme Bourdieu (*id.*), nunca ocupa os cargos de chefia, já que um macho não poderia ser subalterno de uma fêmea. O mesmo aconteceria em relação ao homossexual porque o macho que não cumpre os quesitos de virilidade (heterossexual), e não seria digno dos privilégios da masculinidade. Esse viés pode explicar algumas distinções estanques que os próprios homossexuais utilizam, tais como “ativo” e “passivo”, um penetrante e outro penetrado, um dominante e outro dominado, que é a reprodução do sistema sexo-gênero.

Conjecturar-se-ia que os homossexuais são vistos como pessoas que “vivem na boate” por extensão do primado da masculinidade. Isto é, as atividades da fêmea seriam menos importantes, ela não trabalharia. O gay, como a fêmea, seria inferior ao macho, e assim também não trabalharia. No entanto, isso não é simples assim. Há os gays que se diferenciam das bichas poque-poque – tomemos apenas uma categoria, há muitas outras distinções intragrupo. Distinguem-se essencialmente porque não são promíscuos, e aqui o ser ativo ou passivo é secundário. Sob a ótica da dominação masculina, essa atitude é reprodução do *habitus* masculino, é a interiorização de valores heterossexuais e machistas. Tal *habitus* visa pelo menos dois campos: um interno ao grupo dos homossexuais, que quer diferenciar-se do comum, isto é, do promíscuo, e alçar relações sociais e afetivas duradouras; e ao mesmo tempo o outro campo, externo ao grupo, visando atender às imposições heterossexuais, que remetem ao mundo do trabalho e do público, sinalizando para a introjeção da repressão sexual. Porque não é suficiente não ser promíscuo, há que se comportar dentro dos padrões heteronormativos, no caso, não ser promíscuo, nem efeminado, nem assumido, aproximando-se do masculino heterossexual.

O sistema de classificação heterocentrado não dá conta do que acontece no gueto. A leitura cissexista (a dos heterossexuais) é muito distante das categorias êmicas. Assumir perante outrem uma identidade sexual pode vir a subverter a identidade pejorativa. Por exemplo, através da resignificação do termo bicha, que, em alguns contextos é uma ofensa grave e, no gueto, ou na balada e bar e para os agentes que pesquisei, é pronome de tratamento. O próprio diminutivo “bi” é uma forma carinhosa de os gays se tratarem. Também

a distinção referida entre poque-poque e não poque-poque escapa ao padrão macho/fêmea. Um gay pode ser efeminado e não ser promíscuo, e também ser efeminado e não ser exclusivamente passivo. Desse modo, os termos êmicos transgridem e refletem a transgressão da forma heterossexual de desejo e de uso do corpo.

SIMÕES e FRANÇA (2005) apontam que “neste público proliferam as gírias dos frequentadores de clubes de música eletrônica, marcadas pelo uso de termos em inglês e que configuram uma ‘linguagem própria’, inacessível aos ‘de fora’” (p. 321). Particularmente, a terminologia local está mais próxima de pajubá<sup>7</sup> (*ocó, aqüé, amapô* etc.) e dos termos populares brasileiros (bicha, viado, sapatão, etc.) do que do inglês. Não obstante, acabamos de ver como os termos dos homossexuais são inacessíveis aos “de fora” por ignorância mesmo e por estarem inscritos em uma lógica que transgride, até algum ponto, os limites do sexo biológico e da heteronormatividade. A vivência do desejo em um grupo que utiliza essas categorias é diversa daquela heterocentrada. Talvez por isso a homossexualidade pareça, aos olhos de um “de fora”, como promiscuidade – é como um etnocentrismo.

Quando eu coletava entrevistas, perguntava sobre emprego, qual era ele e como os agentes conseguiram-no. Em geral, as respostas iam em direção a um posicionamento por parte deles que omitia a sexualidade. Esse posicionamento remete à questão de que é premente trabalhar para sustentar-se. Sabemos dos mecanismos de sanção à discriminação no trabalho. Porém, ainda quando os agentes conheciam-no, preferiam uma postura discreta para evitar embaraços e facilitar a consecução de emprego. Aqui temos o contraponto da bicha poque-poque, efeminada. Esta seria vulnerável, ao passo que outros homossexuais dispõem ainda de mecanismos para desfrutar alguns privilégios do primado masculino. Com isso, a questão do gay que repudia o comportamento “promíscuo” da bicha poque-poque fica mais clara. A questão do trabalho sobrepuja-o, e essa necessidade fá-lo interiorizar *habitus* heteronormativos. De onde vem que há uma complexa série de mediações nas escolhas de comportamentos pelos homossexuais; e não se pode dizer que não trabalham, pois escolher não trabalhar para divertir-se é inviável (cobra-se uma taxa para entrar na balada, mais os gastos com o que se consumir ali dentro). Reciprocamente, ser efeminado implicaria dificuldades, isto é, uma exclusão social praticamente sem contornos e mediações.

Destarte, minha análise do lazer contraposto ao trabalho mostra que uma atividade não é possível sem a outra, a despeito das representações coletivas que caracterizam homossexuais como foliões. Pode ser que o preconceito dos próprios gays seja o compartilhar desse olhar heteronormativo, que fora atenuado em São Paulo pela mercadorização do gueto (SIMÕES e FRANÇA, *op. cit.*). E, afinal, qual o lugar da balada para os homossexuais?

## Desconstruindo a “balada GLS”

Desde que o movimento homossexual ganhou expressão no Brasil, aproximadamente no final dos anos 1970 (FACCHINI, 2005), expressões que designam lugares ou atividades de homossexuais passaram a ser veiculadas cotidianamente. Quero dizer, a partir dos fins dos anos 1970, com a abertura democrática, o “meio GLS” ganhou expressão pública e midiática por meio de folhetos, de revistas, da própria parada, etc.; e nesse contexto a “balada GLS” tornou-se mais conhecida. Foi, aliás, por isso que preservei “GLS” em lugar de “LGBT”, querendo chamar a atenção para uma categorização social datada historicamente. Quando um heterossexual fala sobre a balada que gays e lésbicas preferem frequentar, ele diz “balada GLS” ou “balada gay”, quando um homossexual refere-se à mesma, diz apenas “balada”. A distinção entre uma boate e outra a partir de seu público-alvo é assaz recente e é por isso que ainda apresenta traços machistas, às vezes até homofóbicos, em suas verbalizações do dia a dia.

Grande parte das pessoas não está acostumada a ver gestos homoafetivos ou homosociais<sup>8</sup> pelo longo tempo em que essas relações ficaram veladas e pela estrutura da dominação masculina que informa os agentes a terem inimizade para com as pessoas de mesmo sexo que o seu, dentro das especificidades históricas do Brasil (PARKER, 1991). A balada LGBT é um recôndito homossexual; um lugar em que eventuais heterossexuais não aparecem inadvertidamente, pois geralmente estes vão em casais à balada, e aqueles que são “simpatizantes” chegam mesmo a participar de eventos sociais de maior envergadura, como a parada do orgulho LGBT.

Os “nativos” respondem, quando perguntados sobre o que acham da balada, se gostam, frequentam e por quê. Nos casos afirmativos, dizem que vão à balada porque é onde mais há homossexuais e porque “em Marília não tem nada para fazer [no fim de semana, horário para o lazer]”. O fato gritante de haver muitos deles lá e isso os atrair não se deve a uma pretensa inclinação à cópula. A balada é um meio de sociabilidade. Como os nativos estarão aos pares, podem usar o linguajar que quiserem, as gírias, trejeitos, assuntos, comportamentos e indumentárias entre outras coisas conforme seu próprio etos, sem se preocuparem com as consequências – refiro-me à violência ou discriminações por parte de heterossexuais.

Um agente deu-me um relato interessante e complexo sobre o que o atrai na balada, e talvez seja proveitoso citar-lhe mais detidamente. Ele tem 21 anos e relata que não ia à balada LGBT:

8 Um exemplo da extrema “cautela” com que esse tipo de relação social é popularizada pode ser lido em BORGES, L. S. *Lesbianidade na TV: visibilidade e “apagamento” em telenovelas brasileiras*. In: GROSSI, M.; UZIEL, A. P. MELLO, L. *Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

Não gostava de ir, não tinha interesse em ir. Não faço nada homossexual. Não ia à boate. Se fosse numa hétero, aí sim. Não me sinto bem em lugares hétero, ainda mais boates. Até porque gosto de dançar música eletrônica. Querendo ou não, é muito descontraída a boate homossexual, ao contrário da hétero. Gosto [de ir à balada] para me descontrair, para eu espalhar, me divertir, rir, mas não é um lazer que eu vá praticar sempre.

Depois ele explicou que *amou* a música típica quando foi pela primeira vez, além da possibilidade de ficar à vontade sem ninguém incomodar – isto é, desinibir-se das sanções heteronormativas. Ele admite que não tem trejeitos que pudessem identificá-lo à primeira vista como gay, mas também que ele não conta para outrem que é gay, “Porque eu tenho que falar que eu sou homossexual? Um hetero não tem de dizer que é hétero, porque eu tenho que dizer: ‘olha, eu sou homossexual, viu?’”. Especificamente, ele “escondeu as coisas” até completar 18 anos e ir morar fora de casa, quando se mudou para Marília. Foi após essa mudança que ele passou a frequentar a balada LGBT.

Sou amante de música eletrônica. Eu até iria em boate hétero para curtir a música, porém, não é a mesma coisa que curtir o mesmo tipo de música na [boate] LGBT. Não preciso ficar preso naquela coisa de machão para ninguém desconfiar. Eu ainda não tive problema nenhum com minha sexualidade [frente a amigos e familiares], com o resto do mundo não sei como vai ser. Não sei como será num lugar hétero. Eu me assumi para muita gente próxima e, tipo assim, quando a gente é pequeno, injetam na gente que “é errado, vai para o inferno”, mas a gente cresce e vê que as opiniões [nossas próprias] mudam. Claro que não vou anunciar no jornal. Mas as pessoas próximas têm direito de saber. Por que as pessoas vêm perguntar “e aí, as meninhas?” e eu odeio isso profundamente. E até hoje para quem eu já falei, que não tinha motivo para contar isso, contei “porque quero que você saiba”.

Efetivamente, quando homossexuais mais discretos vão pela primeira vez a uma balada LGBT ficam quietos, observam, demoram a desfazer-se o *habitus* heteronormativo. Não é que haja uma forma específica de sociabilidade homossexual, o caso é que o processo de “desamarrar-se” das proibições da masculinidade heterossexual é lento (SIMÕES e FRANÇA, 2005). É esse aprendizado de uma sociabilidade particular que não inibe afetos, gestos, etc. que atrai os homossexuais à mancha (MAGNANI e TORRES, 1996) em que seus pares reúnem-se. Deixar de lado as preocupações do trabalho torna-se mais fácil e completo na medida em que se sai, ainda que temporariamente, do estado de vulnerabilidade e vigilância constante do dia a dia “público”. Nesse sentido, também a identidade homossexual vem a público e reconquista esse espaço para si.

Da mesma forma que o lazer heterossexual não se reduz à busca pela cópula, assim também acontece com o lazer homossexual. Ademais, eu escolhi *uma mancha* dentro de *um circuito* mais amplo, para utilizar a terminologia de MAGNANI (*op. cit.*). Isto é, homossexuais não se recreiam exclusivamente, nem muito menos vivem, na balada. Pode ser que se objete que o tipo de música que toca em balada LGBT é “homossexual”. Certamente existem preferências por gêneros tais como *pop* e *drag music*, mas em uma balada LGBT também se toca outros ritmos que estejam em moda (por exemplo, *soul*, *jazz*, *rock* e

“sertanejo universitário” – que encontra em Marília uma proliferação inusitada). E homossexuais não sabem apenas o caminho da balada, podem tomar um ônibus ou seu próprio automóvel e ir a uma mostra musical, restaurante ou cinema.

Finalmente, recordemos que há pessoas trabalhando no funcionamento da balada: seguranças, *DJ*, *gogo boys*, *drag queens*, *barmen*, faxineiros. No caso local, a maior parte desses trabalhadores é heterossexual. Parece que eles não se incomodam com o público (senão, não haveria tranquilidade no local), mas a questão da identidade sexual fica em segundo plano frente à necessidade do trabalho, como tentei mostrar acima. Isso nos levaria a outras questões sobre trabalho e lazer que ficarão para outra oportunidade.

Há, então, outras manchas e outros atrativos de lazer da cidade que eles partilham com os heterossexuais da mesma forma que compartilham a necessidade de trabalhar. Se o trabalho enquadra as pessoas na mesma periodização da semana, com dias de lazer intercalando dias de trabalho, o lazer é tido pelos homossexuais como tempo para fruição, assim como o é para os heterossexuais. No fundo, a forma de organizar o lazer é fruto das mesmas relações capitalistas de trabalho; e os ditos preconceituosos estigmatizando e desqualificando o lazer (e conseqüentemente o trabalho) dos homossexuais sinalizam para a luta política pelo espaço público, disputado em termo de identidades sexuais e sociais.

Considerando, finalmente, que a definição das fronteiras entre lugares “heterossexuais” e “homossexuais” e entre os comportamentos “heterossexuais” e “homossexuais” é uma construção vivenciada todos os dias e dá sentido a várias relações sociais, importa atentar para a política dessas diferenciações. O caso do lazer, que esteve em análise, pareceu-me bom para interpretar a política das fronteiras porque o lazer é uma relação comum a todas as pessoas, bem como o trabalho, como se viu. E a compulsoriedade em definir claramente as fronteiras não resiste a uma crítica *queer*: a heteronormatividade é uma relação de construção de diferenças, que as organiza de modo a sempre ser o referente central, único e genuíno. Heterossexualidade, no singular, sem caber plurais nem variedades, e acusando os “desvios” do seu “oposto”, isto é, a porosidade das categorias homossexuais (ativo, passivo, etc.). As falácias proferidas sobre a homossexualidade fraquejam da perspectiva geral do trabalho-lazer, e da perspectiva particular do gueto, na medida em que os simbolismos não heteronormativos escapam às classificações estanques, subvertendo o estigma da identidade homossexual e quiçá os objetivos da identificação heterocentrada.

**ABSTRACT:** The objective of this text is to explore minor aspects of the identity issue (subject of research), linked to issues of work and leisure and distant from the focus of the research. Since the bibliography we studied has not approached it, we decided to start this discussion according to the data gathered in fieldwork and interviews. We believe that the perspective of the present work, here comprehended as a non-leisure activity, enlarges the understanding about sociological categories mobilized by agents, yet releasing unsaid aspects about the public leisure scene, but which influence interactions in this context.

**KEYWORDS:** Leisure. Work. Identity. Sexuality.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil, 2002.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DOUGLAS, M. *Pureza e perigo*. São Paulo, Perspectiva, 2010.
- FACCHINI, R. *Sopa de letrinhas? Movimento sexual e identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- MAGNANI, J. G. C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. (orgs.) *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: EdUSP, 1996.
- MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do partido comunista*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- MEAD, M. *Sexo e temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- PARKER, R. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991.
- PRECIADO, B. *Manifiesto contra-sexual: prácticas subversivas de identidad sexual*. Madrid: Opera Prima, 2002.
- SIMÕES, J. A. Homossexualidade masculina e curso de vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. (org.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- SIMÕES, J. A.; FRANÇA, I. L. Do gueto ao mercado. In: GREEN, J. N.; TRINDADE, R. (org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- SIMÕES, J. A.; FRANÇA, I. L.; MACEDO, M. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. In: *Cadernos Pagu*, 35, jul.-dez. 2010, pp. 37-78.

Recebido em: 05.04.2013

Aceito em: 10.05.2013